Cultura!*

Ilustrações: Baptistão



UM ANO DE "CULTURA!"

Em seu primeiro aniversário, o *Cultura!* já faz história, trazendo em suas páginas obras de colaboradores locais, nacionais e estrangeiros, e apresentando entrevistas com artistas aclamados, como o caricaturista Eduardo Baptistão, o crítico musical Carlos Calado, os integrantes do grupo Velhos Amigos e o compositor Tim Rescala, além dos renomados escritores Vanessa Barbara, Ilan Brenman e Mia Couto. Para comemorar, junto com outros convidados, a Confraria da Crônica preparou textos exclusivos para esta edição especial.

Um ano!



JOGA

O. A. SECATTO

Eu tenho um longo histórico de ser bobinho. Quando, por exemplo, eu tinha uns sete ou oito anos e fui fazer minha primeira cobrança para o Frangão — comércio de meus pais; quem em Fernandópolis não conhece o Frangão? —, o devedor, percebendo que eu não o conhecia, disse que ele mesmo não estava. Eu acreditei. E voltei para o Frangão, cabisbaixo, frustrado. Minha primeira missão oficial falhara: só por causa desse meu talento natural para ser bobinho. Tão bobinho a ponto de acreditar — e insistir — num suplemento cultural no interior de São Paulo.

Mas Fernandópolis é terra de talentos, que, mesmo anônimos, desconhecidos, continuam fazendo arte. Assim surgiu o *Cultura!*, que este mês completa um ano de existência. E eu continuo bobinho. O que não foi o caso de uma escritora australiana, que embrulhou em livro o que chamou de "o segredo" e vendeu muito. Na verdade, o conteúdo do livro é apenas a reiterada exploração de uma velha máxima: "joga para o Universo".

Joga para o Universo. E pode ser que ele, com sua gigantesca raquete, jogue de volta para você. Tal máxima também se reflete — ou dela surgiu? — na passagem bíblica do Evangelho de Mateus (7:7-8), em que se lê: "Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto. Porque todo aquele que pede, recebe. Quem busca, acha. A quem bate, abrir-se-á." Bonito, não?

É uma ideia forte, ressaltando que cada um de nós tem papel fundamental e ativo na Existência e, por consequência, contrariando o ditado grego de que o destino conduz os que o aceitam e arrasta os que lhe são contrários. Vai saber.

De minha parte, creio que cada um realmente terá papel ativo na sua própria existência: vai decidir se acredita nisso ou não.

***

Dia desses sonhei que estava numa barbearia igual de desenho, já sentado na cadeira, e quem tentava pôr aquela capa em mim era o Verissimo. Já com seus oitenta anos, movimentos sutis e meticulosamente vagarosos. Um semissorriso no rosto. Expressão serena.

Estava difícil, mas ele conseguiu. Juntou duas pontas do pano atrás do meu pescoço e passou o alfinete — no pano. Bateu as duas mãos nos meus ombros ao mesmo tempo, como quem comemora um feito. (Confesso que, mesmo sendo o Verissimo, o alfinete na sua mão trêmula me deixou um pouco apreensivo.) E, enquanto parecia estudar o pouco cabelo que me resta, foi vítima de um estalo. Pegou pente e tesoura e, olhando para mim no espelho, agora com um sorriso zombeteiro, começou a cantar a plena voz "Largo al factotum", da ópera *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini.

E tinha mais gente esperando para cortar. Até uma senhora.

***

O Verissimo não cortou meu cabelo nem cantou "Largo al factotum", mas tem outra coisa que o Universo jogou de volta para mim: este caderno.

O Verissimo não cortou meu cabelo nem cantou *Largo al factotum*, mas tem algo que o Universo jogou de volta: este caderno

Se de fato tenho alguma parcela de culpa pela existência deste suplemento cultural, muito devo aos amigos da Confraria — Gil, João, Zé, Jacque e Eliana —, ao talentosíssimo diagramador do caderno, Alisson Carvalho — que me atura e dá vida às minhas maluquices —, e aos diretores do jornal **O Extra.net**, Beto e Admilson. Não fazemos nada sozinhos.

Na sequência, fica minha eterna gratidão ao Baptistão, que aceitou o convite para participar de um caderno que ainda nem existia! Foi também graças à entrevista que ele me concedeu que o caderno ganhou forças para sair do mundo das ideias e ganhar o papel.

Nesse um ano de vida, além do Baptistão, o *Cultura!* também entrevistou artistas e personalidades, brasileiras e estrangeiras, como o crítico musical Carlos Calado, o grupo fernandopolense Velhos Amigos, o maestro e compositor Tim Rescala, e os escritores Ilan Brenman, Vanessa Barbara e Mia Couto. É algo de se orgulhar.

Contou também com textos exclusivos dos amigos confrades e de inúmeros outros colaboradores sobre literatura, música, cinema.

Nas palavras de Caetano, "foi lindo".

***

E, como a vida não é só feita de arte, mas também do pano de fundo da arte — a vida cotidiana —, eis aqui alguns fatos que merecem destaque na raquete do Universo: 2016 foi um ano difícil, tão difícil quanto especial.

Pois fui vítima de um maravilhoso rebuliço no trabalho — sim, não sendo possível viver de literatura, sou servidor público; preciso pagar as contas! —. Com a elevação de Fernandópolis a comarca de entrância final, surgiram alguns cargos, e imaginem: fui convidado para ser chefe na Diretoria de Administração Geral do Fórum. Mais um degrau na carreira, após doze anos de tribunal. Registro aqui meu especial agradecimento aos juízes da comarca, que, unânimes, aprovaram minha indicação, e à parceira, colega de trabalho — e minha chefa — Jade. Obrigado, Djeide!



Por fim, a mais importante e abençoada das notícias: ouvi da boca de minha Bella esposa que vou ser pai. Tudo bem, demorou um pouco para cair a ficha. A esposa teve que desenhar e tudo mais... Às vezes, não estamos preparados para essas notícias que tanto esperamos. *Grazie, Iddio!*

Depois descobri que quem eu aguardo para março é minha pequena Laura. Deus permita que ela venha com saúde, muita saúde. E pareça a mãe.

***

Como na apresentação da primeira edição deste suplemento, reforço aqui a ideia que continua a nos mover: esta publicação define-se mais pelo que deseja ser do que por aquilo que realmente é. O que não tira, em absoluto, o valor da tentativa.

Não mesmo.

*

O. A. SECATTO É FUNCIONÁRIO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO, ESCRITOR, MEMBRO DA CONFRARIA DA CRÔNICA, EDITOR E COLUNISTA DO *CULTURA!*

Luto

ÁLIMMA

A Pitucha era danada. Sempre dava um jeito de escapar quando estava no cio. E sempre voltava prenha. Foram, sei lá, umas cinco, seis vezes. Numa dessas vezes, deu à luz uma coisinha pequenina. Era a menorzinha e a mais linda. Aos poucos íamos dando os filhotes embora, mas não aquela coisinha linda. Não conseguíamos. Quando se definiu que ficaria, precisávamos de um nome. E ela recebeu o nome da mitológica rainha Álimma, esposa de Akrân, rei e senhor dos eykannii. Assim foi sempre altiva. Tinha olhos de gente, manias de gente. E eu a chamava de minha piquininha Álimma, minha pequena... Os cachorros são parte da família, às vezes mais que muitos parentes. E não raro merecem as palavras que com eles se gastam. No último dia 20 ela nos deixou. Como eu uma vez disse sobre a nossa outra cachorra, a Caçulinha, a Álimma foi show. A minha piquininha Álimma vai ser sempre show. Que ela possa ter o alívio do peso do mundo. Seremos sempre gratos pela alegria que ela nos deu. Num desconcertante misto de alegria por sua companhia e de tristeza por perdê-la, é que eu queria dizer a ela, com últimas lágrimas, sorrindo: Tchau, minha pequena.



Vittorio Cecchinelli

"Uma das coisas mais deliciosamente engraçadas do mundo é o Zé Buscapé resmungando à esposa: 'Ih... Qui qui é, bié?'..."



Barata no Céu

— Então. Eu confiei num humano que disse que só queria me mostrar o chinelo novo dele...

Cultura! é uma publicação do jornal *O Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: **O. A. SECATTO**
COLABORADORES: **GIL PIVA**, **JOÃO LEONEL**, **ZÉ RENATO** E **JACQUELINE PAGGIORO**
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**

Um ano!



GIL PIVA

UM AUDACIOSO DOMÍNIO PARA SE CRIAR

Sinto uma estranha sensação ao voltar a escrever em primeira pessoa, muito embora os motivos e estilos sejam diferentes, e embora também eu me permita pontuar, às vezes, um "euzinho" num ou noutro texto, mesmo quando não se trata de um artigo de opinião. Assim caminha a humanidade, pois o *ego* não é capaz de se esconder por muito tempo.

Para ser mais exato, meu último texto semanal ficou publicado rumo ao esquecimento em meados de março. De lá para cá, passei a dedicar mais tempo ao caderno *Cultura!*, que acaba de completar seu primeiro ano bem sucedido. E eu tive a chance de cair nas graças de escrever apenas um texto mensal ganhando igual. Mas vamos ao que interessa.

O *Cultura!* não é um caderno ambicioso que pretende renovar o jornal em si. Apenas cumpre um papel essencial: elabora abordagens e contextos artísticos que tanto singularizam nossa região quanto compartilham o que há de mais novo e interessante no âmbito cultural. Vemos isso na própria diagramação e formato do caderno — possuindo uma tessitura belíssima e urdida com fins (eu juro que não queria afirmar isso!) de construir/desconstruir as faltas e falhas de um jornal cultural que ainda não era oferecido em nossa região.

De vez em quando eu assino matérias sobre lançamentos de livros, de filmes, aniversários de morte (quê?) e singelas notas de óbitos de artistas significativos. Por azar meu, eu não tive o prazer de entrevistar o Mia Couto, mas dialoguei com meus pesares num texto sobre (e para) o Umberto Eco. Onde mais eu faria isso? Como falei, a diagramação realça minha escrita, então, após vê-la publicada me soa um ar vaidoso ampliado pelo belíssimo formato impresso — exibindo um toque de entendimento (por parte de quem escreve) maior do assunto do que talvez seja na realidade.

No ritmo que caminha o jornal — e os colaboradores —, penso ser inevitável outros anos de tamanho sucesso. E claro que existem algumas propostas e planos para o próximo ano, só que a surpresa legitima o sentimento de expectativa de qualquer leitor.

Não tive o prazer de entrevistar o Mia Couto, mas dialoguei com meus pesares num texto sobre (e para) o Umberto Eco

Falando em leitor, gostaria de acrescentar um detalhe cientificamente provado: todo texto, de um modo ou de outro, é atravessado pelas interpretações embrionárias de que falava Derrida em seu livro *A Farmácia de Platão*. Leitura necessária, todavia difícil.

Para Derrida, não importa o quão claro, coeso e coerente seja um texto, o leitor sempre vai preencher certas lacunas com suas características subjetivas (de leitor), formando, em dado momento, uma troca de identidade com o texto. Sem me aprofundar, o que pretendo dizer é que, pelo menos do lado de cá, de quem escreve, este caderno nos promove circunstância de poder e de reconhecimento. Por quê? Porque se vê muito colunista por aí, na maioria autores de textos cujas ideias e coletânea de citações de obras provavelmente jamais foram lidas inteiras, ou sequer conhecidas (aqui quem fala é o meu eu leitor).

No *Cultura!*, e sua construção/desconstrução (ambição mencionada acima), o autor de um texto precisa pagar a penitência para produzir um bom artigo; ou seja, não conhecer a obra de um escritor, por exemplo, seria o primeiro passo grotesco para chamar a atenção para si as tendenciosas escapadelas inteligentinhas que se repetem mediante citações de caráter duvidoso.

Com o *Cultura!*, nota-se um envolvimento dos colaboradores e um domínio que garante os sentidos de um bom texto. Com isso o leitor se dispersa menos, regula sua interatividade e garante uma motivação para sua identidade. Obrigado, Derrida!

Se não fosse por tais liberdades (e, antes, permissividades criativas) de expressão, eu não estaria aqui hoje agradecendo ao idealizador e amigo O. A. Secatto — respeitoso senhor que se diverte ao me incumbir, hora ou outra, tarefas nada fáceis que me vêm *mui* respeitosamente atormentar. Enfim, como dizia Jung, a criatividade, a arte e a loucura podem caminhar juntas.



Obrigado, Secatto.

*

GIL PIVA É PROFESSOR E MESTRE EM LETRAS, MEMBRO DA CONFRARIA DA CRÔNICA, COLUNISTA DO JORNAL *O EXTRA.NET* E COLABORADOR DO *CULTURA!*

Um ano!

ELIANA JACOB ALMEIDA

LER E ESCREVER

Desde criança descobri o prazer pela leitura. Cresci em uma casa em que não faltavam livros. Meu pai, advogado e muito estudioso, tinha em seu escritório duas estantes de madeira embutidas, que iam até o teto. Pelas portas de vidro, víamos livros em português, em espanhol e em francês — todos com papéis marcando páginas com os trechos que ele recolhia para ilustrar e dar autoridade aos seus trabalhos. As estantes, aos poucos, foram ficando pequenas; por isso, as obras começaram a ser empilhadas no chão. Bem antes de sua morte, já era difícil caminhar entre as torres que se formavam no seu escritório. Essa é uma das mais belas lembranças que ficaram de meu pai.

Cresci em uma casa em que não faltavam livros. Meu pai tinha em seu escritório duas estantes de madeira que iam até o teto

Minha mãe, por outro lado, sempre gostou de romances. Leu a coleção da Agatha Christie toda; Sidney Sheldon todo, Harold Hobbins todo. Além dos "tijolos" que meu pai lhe trazia de presente quando viajava, todos os finais de semana, ela passava na banca de revista ou me mandava comprar os romances adocicados *Júlia*, *Bianca* e *Sabrina*; antes, todos os de Corin Telado e os de cowboy de Carlos Santander.

Eu gostava de ler, mas percebo hoje que desde menina eu também gostava de escrever. Na adolescência, eu escrevia diário e o escondia atrás de um quadro na sala, pois ali estavam meus segredos. Para quem tinha cinco irmãos — só eu de mulher —, acho que escrever era uma maneira de espantar meus fantasmas e de não me sentir muito só.

Quando entrei na faculdade, fui morar em São José do Rio Preto. Comecei a namorar esse que hoje é meu marido; ele estudava em Araraquara. Nós trocamos cartas todos os dias durante cinco anos. Nelas eu aprimorava meu português, aplicava o que eu aprendia em gramática e ilustrava sempre com trechos de poemas que eu lia nas aulas de Literatura.

Em consultórios, em casa ou em salão de beleza, toda vez que eu pegava uma revista, procurava as crônicas nas últimas páginas. Não conhecia autores, nem sabia o que era uma crônica, mas gostava muito do gênero. De algumas, lembro-me do conteúdo inteirinho.

Quando comecei a lecionar na Faculdade, um aluno lançou uma revista regional e pediu que eu fizesse a revisão. Fiz, gostei e não cobrei nada. Na terceira edição — ainda, e para sempre, sem cobrar nada — atrevidamente eu disse que gostaria de escrever na revista e comecei com artigos que explicavam a própria língua. Num tom professoral, explanava um assunto de gramática. De tanto esse meu aluno insistir, escrevi minha primeira crônica e ele gostou muito; aliás, gostamos. Desde então, venho escrevendo para jornais e revistas.

Simples? Nem um pouco. Nesses treze anos, houve um período em que minha produção era semanal, atravessando anos sem falhar uma só vez. Mas o cansaço foi chegando e, cada vez menos, consigo me sentar com paciência para organizar minhas ideias. Agora com a aposentadoria, estou me dando um ano sabático — sem tarefas e prazos. Mas não há como negar: quando consigo escrever um texto como este, o prazer é enorme. Fico completamente agradecida por ter estreitado laços de amizade com o Osvaldo Secatto e seu primoroso caderno *Cultura!*. Esse escritor brilhante, com seu convite, desafia-me a pensar.



*

ELIANA JACOB ALMEIDA É PROFESSORA, ESCRITORA, MEMBRO DA CONFRARIA DA CRÔNICA, COLUNISTA DO JORNAL *CIDADÃO* E DA REVISTA *C-COMUNIC*

ESPELHO CULTURA PB

ESPELHO CULTURA PB

Um ano!



ZÉ RENATO

PENSAMENTOS SUBJETIVOS E INDIVIDUAIS DE UM INDIVÍDUO



Sou grato a Fernandópolis. Afirmara anteriormente. O melhor presente que recebi, o maior que alguém pode ganhar: meus amigos. Com eles pude desenvolver um sonho secreto: escrever num jornal. Pelas mãos do Jão, fui convidado a escrever no antigo *Semanário*. Por meio dele e de minha coluna, tornei-me amigo do Osvaldo e do Gil. O periódico se transformou em *O Extra.net*. As "Flores Doentias" permaneceram.

Desde 2013 publico semanalmente meus textos. Todavia, há que se lembrar, esporadicamente, Secatto, generosamente, custeava edições da *Gazeta Literária*, para as quais tive o privilégio de contribuir com escritos.

Acalentava outro sonho: um caderno voltado para a Cultura Erudita. Nos moldes do antigo *Folhetim* da *Folha de S. Paulo*, *Caderno 2* do *Estadão* ou mesmo o antigo *Suplemento Cultural* do mesmo jornal.

Após muitas reuniões de trabalho, produzidas pela Confraria da Crônica — sim, ganhamos essa alcunha do querido Vic —, as conversas e sonhos frutificaram: gestamos a ideia-sonho de produzirmos um suplemento de cultura, voltado para textos de Literatura, Filosofia, Cinema, Teatro, Música, enfim, todo o ambiente dos altiplanos.

Faz um ano. Nasceu o caderno *Cultura!*.

Grandes colaboradores nos enriquecem, grandes textos e entrevistas.

Sugeri uma conversa com o jornalista Carlos Calado, especializado em jazz, uma de minhas grandes paixões. A princípio, todos ficaram céticos com a possibilidade. Conseguimos. Graças a Jacqueline e — me dói dizer — ao Facebook.

Contribuí com perguntas na grande entrevista que minha mulher, Jacqueline, belamente realizou com Mia Couto.

Por fim, meu último lúcido delírio: entrevistar Nietzsche! Filósofo morto há mais de cem anos. Consegui.

Escrever para o suplemento me permite exercitar sonhos intelectuais, me descobrir, me encontrar. Aprendo. Descubro

Escrever para o suplemento me permite exercitar sonhos intelectuais, me descobrir, me encontrar e reencontrar comigo. Aprendo. Descubro. Desvelo — permitam-me o uso de um termo filosófico que amo.

Antes da conversa com Nietzsche, publiquei um texto acerca da *Crise da Razão*, conceito do filósofo.

Oxigena-me o cérebro e a vida, na medida em que me pego às voltas com pensamentos e ideias para redigir novos textos e contribuições.

Diferente da coluna, o *Cultura!* nos permite mais espaço, exige mais fôlego. São novos leitores a conquistar. É a oportunidade de humildemente contribuirmos para novo hábito dos leitores do periódico: uma leitura mais rica e apurada. Entretenimento com conhecimento.

A responsabilidade é maior; porém é mais desafiadora. Acima de tudo: é prazerosa. O prazer de se sacrificar pela linguagem. Quem sabe unir os cumes das montanhas que separam o filosofar e poetar?

À parte disso, ficam novamente meus agradecimentos eternos aos meus confrades e fraternos amigos Jão, Osvaldo, Gil e Eliana e a minha amada esposa Jacqueline.

Para o próximo ano tem mais.

Feliz 2017.

*

ZÉ RENATO É PROFESSOR, MEMBRO DA CONFRARIA DA CRÔNICA, COLUNISTA DO JORNAL *O EXTRA.NET* E COLABORADOR DO *CULTURA!*

Literatura

O EFÊMERO E O PERENE EM LITERATURA

BRUNO ANSELMI MATANGRANO

Em toda a obra de Max Mallmann, uma melancolia soturna, de quem tem profunda consciência de si mesmo, mescla-se com uma fina ironia, como um sorriso enviesado, de quem sabe que a vida, com seus altos e baixos, é efêmera e não há nada a se fazer em relação a isso.

Em *Zigurate*, a historiadora Sophie Brasier luta com a AIDS, enquanto tenta terminar sua tese de doutorado. Quando chega a uma espécie de *impasse*, sem saber se tenta viver algo mais enquanto aguarda seu fim, resolve sair do campo teórico, para partir em uma pesquisa de campo. Assim encontra Lugal, um imortal, melancólico, que passa seus dias refletindo sobre a vida e a morte, a fragilidade fugaz da humanidade, tão bem encarnada na enferma Sophie, e a nem sempre desejável imortalidade que o acompanha ao longo de mais de 30 mil anos de existência terrena.

O bem-humorado Viktor, narrador de *Síndrome de Quimera*, por outro lado, vive em embate com seu próprio corpo, onde reside, alojada entorno de seu coração, uma cascavel diminuta. Homem e serpente travam assim um constante duelo de sobrevivência. Ora a força pende para o lado dele, que a oprime com álcool e tranquilizantes, ora ela lhe dá um abraço cardíaco, literalmente, causando-lhe o aperto da angústia. Em meio a tal tormento, a vida continua, com suas alegrias e tristezas... O medo o domina o tempo todo; teme morrer, já que não acredita em nada após a morte, mas teme aceitar uma possível imortalidade, por não querer uma eternidade de medo.

Em suma, muitas das personagens de Max escondem um espírito depressivo e enfadado por trás de brincadeiras e comentários espirituosos. Riem do mundo e dos outros; às vezes, a sós, riem de si mesmos. Assim são Lugal e Viktor, e assim é também Publius Desiderius Dolens, plebeu feito senador romano, após uma vida galgando degraus da carreira militar no Império.

Protagonista do romance histórico, com ares de história policial, *O Centésimo em Roma*, e de sua continuação, *As Mil Mortes de César*, Dolens é um protagonista *sui generis*, que conquista a simpatia do leitor, não por ser a melhor das criaturas — seu caráter chega mesmo a ser duvidoso —, tampouco por ser de grande brilhantismo — seu cérebro está constantemente turvado pelo vinho ou pela raiva, apesar de, por vezes, conseguir equiparar-se em intelecto ao mais hábil estrategista ou ao velho detetive da Baker Street —, mas sim por sua coragem e ambição, e, sobretudo, por seu humor ácido, de quem sabe apreciar as inevitáveis ironias da vida, mesmo quando estas se dão consigo mesmo.

Max, que tanto escrevia sobre a brevidade da vida, a perenidade da obra, e as ironias da morte, acabou partindo jovem demais

Dolens luta por seus objetivos, todo o tempo consciente de sua mortalidade, temendo morrer sem alcançar o *status* de aristocrata. Contudo, quando menos espera, chega ao fim de sua história como senador e como um dos principais comandantes das tropas imperiais, pelos caminhos mais tortuosos e irônicos imagináveis. Ou, ao menos, assim chega ao fim a história que nos é permitido conhecer, pois, apesar de *As Mil Mortes de César* ser um romance fechado em si mesmo, é claro que seu autor pretendia dar continuidade às aventuras e desventuras do guerreiro plebeu tornado nobre, em uma Roma que é ao mesmo tempo antiga, nos idos tempos em que os cristãos ainda eram marginais, e nova, já que a escrita de Max a recobre de referências, das mais eruditas e variadas, como Tácito e Plutarco, passando por Shakespeare e Machado de Assis, e culminando em Alan Moore, Lovecraft e rock brasileiro, salpicados na narrativa como *easter eggs*, segundo as palavras do próprio autor, e alinhavados no enredo com o esmero da alta costura.

Infelizmente, no entanto, ao leitor só resta especular tudo o que poderia ter sido dos anos seguintes de Desiderius Dolens, já que Max Mallmann, escritor e pessoa de qualidades excepcionais, nascido em Porto Alegre, em 1968, veio a falecer em 4 de novembro de 2016, deixando em aberto o futuro de seu herói. Max, que tanto escrevia sobre a brevidade da vida, a perenidade da obra, e as ironias da morte, acabou partindo jovem demais, legando para a posteridade uma obra profunda e madura, escrita por quem domina não apenas a língua com que trabalha, como também um oceano fértil de referências das mais diversas.

No posfácio que encerra *As Mil Mortes de César*, penúltimo livro do autor, Max diz que vive um grande impasse. Qual impasse? Ele prevê que o leitor perguntará, e logo em seguida responde: "O mesmo e múltiplo de sempre, eu diria. Tudo já foi escrito, vamos todos morrer e a vida não faz sentido. Nossos amores, nossos ódios e nossos porquês, diante da eternidade, não são mais perenes que uma palavra rabiscada com o dedo numa vidraça embaçada."

Mas Max, tão humilde e consciente da pequenez de um autor em um mar de livros, conseguiu, ousadamente, fazer algo diferente. Uma obra única, que, o tempo confirmará, há de persistir.



Despedida. O autorMax Mallmann

Quanto ao sentido da vida, a resposta está em seu próprio livro, o mesmo em que levantou tal questionamento, quando, em meio ao tormento de descobrir a esposa morta Dolens diz: "Se os deuses existissem, a vida faria sentido!" Ao que Eutrópia, a curandeira-meio-bruxa que se diz grega, responde: "A vida só faz sentido — Eutrópia crava as unhas no ombro de Dolens — quando você a obriga a fazer sentido."

E Max sem dúvida *obrigou* a sua, enchendo-a do maior dos sentidos; pois, ao fim, o que sempre sobra, aquilo que é mais perene do que qualquer construção, mais duradouro do que qualquer grande conquista, vide a Troia de Homero ou a Roma de Virgílio, tudo o que sobra, afinal, meu caro leitor, é a boa literatura. Todo o resto é efêmero. E boa literatura Max fez em abundância.

*

BRUNO ANSELMI MATANGRANO É MESTRE E DOUTORANDO EM LETRAS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), ALÉM DE TRADUTOR E AUTOR DE DIVERSOS CONTOS E ARTIGOS

Um ano!



VITA BREVIS, ARS LONGA

JACQUELINE PAGGIORO



Comecei a escrever na adolescência. Rabiscos num caderno, letra por letra, palavra por palavra, aos poucos constituíam as frases que davam forma às ideias, dúvidas, angústias, dilemas, alegrias... Enfim, o universo que compõe a juventude. Quando terminados, cada texto — prosa ou poesia — tinha destino incerto: podia ir para o baú das lembranças, para o fundo de alguma gaveta ou, na maioria das vezes, para o cesto de lixo.

Ousadia poucas vezes realizada era torná-los públicos; somente alguém muito íntimo teria chances de conhecer algum que valesse a pena. Porque escrever é "acordar palavras", e muitas vezes elas nos desnudam.

A Psicanálise de Freud através dos míticos Eros e Tânatos e, posteriormente, o Hinduísmo e a Filosofia do Prakriti com os gunas Sattva, Rajas e Tamas, me fizeram entender melhor as "pulsões", ou forças, que nos movem e que agora compreendo serem antagônicas e, necessariamente, complementares; não simplesmente opostas.

A necessidade visceral de ordenar sentidos e sentimentos e a vergonha da exposição me tornaram ainda mais próxima da leitura, que se tornou, então, a pulsão maior.

Sertões, estepes, trópicos, céus, infernos ou purgatórios, qualquer paisagem encantava. Cavaleiros errantes ou da esperança, capitães da areia ou velhos ao mar, piratas, qualquer herói me fascinava.

Depois veio a Filosofia. "O muro" de Sartre foi impactante; Simone de Beauvoir deixou profundas marcas. Literatura e Filosofia ainda são meu porto seguro, onde encontro amparo para aflições, entendimentos, análises e reflexões.

Isso não quer dizer que me atenho somente a grandes temas; leio desde panfleto de político até bula de remédio e receitas culinárias.

A construção da escrita, desse modo, ficou restrita às produções para os trabalhos da faculdade. Depois de formada, os textos ficaram mais enxutos — para memorandos, ofícios e artigos científicos é imprescindível técnica, não existe espaço para poetar.

Sair de São Paulo, cidade em que vivi por mais de quarenta anos, era um sonho que sempre acalentei — não me dou bem com multidões —; voltar com a família para Fernandópolis, lugar em que nasci, me pareceu mais sensato (hoje tenho a mais plena convicção de que foi realmente isso).

Creio que a maturidade e as amizades me fizeram um tanto mais ousada e desencanada para expor o que penso e sinto

Novos na cidade, nosso círculo de amizades restringia-se aos familiares e aos colegas do trabalho. Zé Renato, meu marido, me falava com carinho e admiração de uma professora da escola em que trabalhava, Eliana. Ela escrevia crônicas e nos convidou para o lançamento de seu livro *Enquanto é tempo*. Fui apresentada a ela no evento, e tornei-me íntima de seus belos e sensíveis textos.

A amizade instantânea do meu marido com o João Leonel fez com que encontrássemos Gil e Secatto. João trabalhava no jornal em que ambos publicavam suas crônicas semanais. Na sequência, Zé Renato foi convidado pelo "Jão" para escrever também. Quando o *Semanário* virou jornal diário, nesse seleto "clube do Bolinha", entrei de penetra.

Digo assim — e já escrevi sobre isso —, porque não tenho a lucidez do Gil, o requinte do Osvaldo e tampouco o conhecimento e a memória (invejável) do Zé Renato. Continuo juntando letras para formar palavras e frases para dar sentido e dimensão ao que me aflige ou ao que me toca. Creio que a maturidade e as amizades me fizeram um tanto mais ousada, e um pouco mais desencanada, para expor o que penso e sinto.

Vic Renesto, por mera obra do acaso, nos batizou, e Secatto nos reuniu sob o signo da "Confraria da Crônica", com direito a diploma e selo. A *Gazeta Literária* gestou o *Cultura!* e, além de publicar nossos textos, conseguimos entrevistar gente daqui, de lá, de acolá, até do além. E para comemorar esse primeiro aniversário ganhamos caricaturas do Baptistão.

Vida longa ao *Cultura!* e a todos da Confraria da Crônica!

*

JACQUELINE PAGGIORO
É PROFESSORA, MEMBRO DA CONFRARIA DA CRÔNICA, COLUNISTA DO JORNAL *O EXTRA.NET* E COLABORADORA DO *CULTURA!*

Fotografia

MARCO ANTÔNIO OLIVEIRA

é formado em Jornalismo, profissão que o levou a conhecer a arte da fotografia. Fotografou por 15 anos os principais acontecimentos publicados pelo jornal *Folha de Fernandópolis* e foi assessor fotográfico da Prefeitura de Fernandópolis. Recentemente, uma de suas fotos foi destaque em exposição na Escola Bauhaus, de Ribeirão Preto. Seu estilo de fotografar combina luzes e cores.



Luzes de Fernandópolis. Rotatória no encontro das Avenidas Expedicionários Brasileiros e Líbero de Almeida Silvares

Vittorio Cecchinelli

DIÁLOGOS ESPARSOS

— Amor, por que parece que tem um urso no nosso quintal?

— Porque tem um urso no nosso quintal.

***

— Querida, por acaso você me trocaria por um corpo saradão?

— Claro.

***

— Zé, isso no seu pescoço é um carrapato?!

— Claro que não. É uma verruga. Peraí... Não. É um carrapato, mesmo.

***

— Como assim, sou eu?

— É. É batata...

Um ano!



JOÃO LEONEL

UM SONHO (DELÍRIO) LIBERTÁRIO!

JOÃO LEONEL

Das origens ninguém escapa. Eu tenho um espelho cristalino, e não ganhei de uma baiana lá de Maceió. Nele surge o alerta. A guerra está declarada e a batalha começará, agora sim! Uma chamada para o 'submundo' das consciências, com o perigo de sórdidas negociatas pelo campo minado a ser percorrido. Ouso sair da toca. Sei que olharão para mim com olhos arregalados, espanto total. Será preciso muito suingue, habilidade do drible, pois terei que esquivar das pancadas. Escuto o som dos cassetetes, de lá, Dalí... até parece que colocaram alguma coisa em minha bebida. Visão embaçada. Pensamentos confusos. Como se estivesse "fora de área", perturbado. Algo pior vem por aí! E não se trata apenas de um 'golpe' num país sem futuro. O mundo não tem saída. É o fim da linha! Completamente bêbado, sigo no descompasso de meus passos, duelando com o equilíbrio sobre o fio da navalha. Tudo depende de uma simples formalidade: libertar-me dos grilhões dessa história mal contada, manipulada e "pedipulada". A democracia se esvai. Da solidez pressuposta ao abismo obscuro. Corações e mentes despedaçados à mesa posta. Impossível juntar os cacos. Como se invadisse um cativeiro para salvar reféns que não estivessem mais lá. O futuro é 'vórtex', o sol já virou lua. O tempo correu rápido demais ou a terra parou? Que herança deixarei? Tanto faz, quem se importa? Mas, das origens, ninguém escapa. Minha sorte é que tenho um espelho cristalino... onde a realidade parece se perder em meio a uma intensa nitidez. É preciso superar o brilho fugaz das intolerâncias, de todos esses ódios e rancores seletivos. Tudo apagado! Buscando abrigo, viajo pelo espaço. Acenda a luz. Alguém, por favor! Medo da escuridão? Não, da solidão! Já sepultadas as teorias de revolução — Adeus, Fidel! Viva Cuba! —, a carapuça da evolução cabe em mim perfeitamente. Estou preso. Mãos atadas, ocupadas demais com insanos cliques, incessantes buscas: sem nada encontrar. Isolado, parto em busca de fogo. A chama viva está comigo. Ainda que iluminando caminhos incertos neste blecaute-mental-geral, poderei, ao menos, aquecer a alma, fecundar um novo sonho. Eis a combustão da vida! Sei que, para perpetuá-la, sonhos que se sonham só não bastam. A união, mais do que descruzar nossos braços, faz com que sigamos em frente, de mãos dadas.







'... do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo'
(*Metamorfose Ambulante*)

* Texto produzido a partir de traduções livres de músicas das bandas The Clash (*London Calling*) e Ramones (*Somebody put something in my drink*); e também com referências às bandas Replicantes, Cólera e Inocentes.

Bandido bom é bandido morto?
Se gritar "pega ladrão", como seria no Congresso Nacional?
Fuga "A Jato", meu irmão!
Eles querem que o pobre (eleitor) se exploda!



Chegando a treze anos de trabalho na Imprensa de Fernandópolis, o maior presente que poderia ganhar para simbolizar este período dedicado às informações levadas a leitores fernandopolenses e de toda a região se personifica em nosso caderno *Cultura!*. A capa de hoje, ao completarmos um ano, dá vida a esta personificação. Considero o *Cultura!* o maior prêmio que a profissão de jornalista me concedeu. Tenho contribuído, de certa maneira, com o registro da história viva de nossa cidade, de todos os municípios retratados nas páginas de **O Extra.net**, tocólogo deste suplemento. O pai, sem dúvida, é Secatto, o primeiro integrante dessa trupe — que culminaria na Confraria da Crônica —, a se unir ao sonho de uma criação cultural independente, que teve início ainda no jornal *Semanário*, há 4 anos, escrevendo seus artigos no espaço que denominou *Mosaico*. Chegou, logo em seguida, Gil Piva, com suas crônicas nas *Sinopses*, também publicadas no *Semanário*, que colheu ainda as *Flores Doentias*, de Zé Renato, e cultivou os *Canteiros*, com textos da Jacqueline. Eliana Jacob é a mais recente conquista da Confraria. Estamos em festa!

*

JOÃO LEONEL É JORNALISTA, MEMBRO DA CONFRARIA DA CRÔNICA, REPÓRTER DO JORNAL *O EXTRA.NET* E COLABORADOR DO *CULTURA!*

AMÉM...

O preconceito
das religiões
existe.
Essa falsa moral,
não fugir às regras,
seguir as leis...
Imagine Jesus Cristo negro,
não com lindos olhos azuis.
O santo Papa dizendo:
– Axé Babá.
Buda não caberia numa cruz!
A intolerância das religiões resiste,
Caçaram bruxas, chutaram a
santa, é fim de mês?
Dizimaram índios,
Aniquilaram seres puros,
E não sei te dizer se
sou tão puro assim...
Amem (mais)!

(Radiação)

TAMBORES

Ouço os tambores vindos
da África
Eles me trazem um triste
lamento
Me dizem que a morte é
o caminho mais fácil
Para acabar com tanto
sofrimento
Mulheres, crianças, são
todos guerreiros
Guerreiros flagelos
sonhando com liberdade
Os séculos contam uma triste história
Onde só vence o imperialismo selvagem
Selvagem

Tambores à noite
Não se calam jamais

No norte da América só solidão
Lembranças despedaçam o coração
Do tempo de glória não restou nada
Aldeias inteiras devastadas
No centro da América uma velha canção
Sobe pro céu, vira oração
Deus se cala, nada responde
A fé é esmagada pela força da espada
Da espada

Tambores à noite
Não se calam jamais

Um hino Xavante, um hino Xingu
O canto triste do Uirapuru
Bombas napalm ardem na carne
Gigantes dormem o sono da eternidade
O canto de guerra já ecoou na floresta
Agora se cala, apenas espera
Da terra tomada, da terra usurpada
Só restam as lágrimas de uma nação humilhada
Humilhada

(Inocentes)

EU

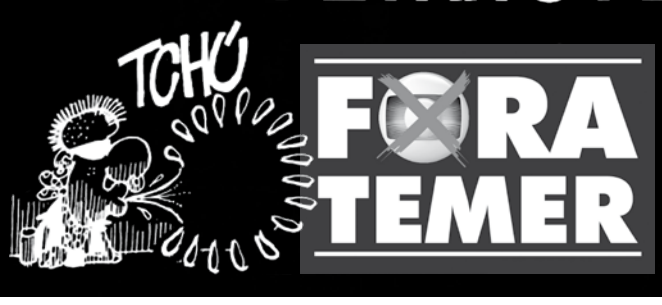
Nas calçadas pisadas de
minh'alma
passadas de loucos estalam
calcâneos de frases
ásperas...
onde forcas esganam cidades
e em nós de nuvens coagulam
pescoços de torres oblíquas
só, soluçando eu avanço
por vias que se encruzilham
à vista de crucifixos,
polícias
polícios
vícios
fixam
ilham
só
eu!

Vladimir
Maiakóvski



Com Lessa, o Ivan, era batata: "O brasileiro é um ser que tem os pés no chão, mas as mãos também". Carregando o peso do mundo nas costas, para se aposentar, ao brasileiro faltará só a Certidão de Óbito: uma simples formalidade!





Falta de *Cultura!* pra cuspir nessa estrutura